

FH - discurso



FH dá sinais de sua preferência

Duas vezes ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso criticou o Plano Cruzado, a experiência salvacionista que deu origem, por erros e acertos, aos primeiros ensaios sobre o Plano Real. Nos dois casos, o presidente tratava de estabilização da economia, matéria em que espera ser aprovado com louvor ao fim do mandato. Nas duas ocasiões FH deixou escritas entrelinhas políticas, terreno que se encheu de interrogações ao ser aberta a sucessão presidencial.

A primeira crítica foi explícita, diante de empresários poloneses e brasileiros reunidos num seminário de comércio bilateral em Varsóvia. FH disse que o plano dos generosos economistas da equipe de Dilson Funaro não teve consistência para manter a distribuição de renda proporcionada em seus primeiros e poucos meses de vigência. Houve uma redução imediata na quantidade de brasileiros abaixo da linha de pobreza, recordou. Pelo critério de que pobre é quem tem renda inferior a US\$ 2 por dia, teria havido uma redução imediata para menos de 30% sob efeito do Cruzado, ele disse.

A inconsistência do plano, que não teria levado em conta, entre outros fatores, a questão fiscal, fez com que rapidamente a miséria voltasse à faixa dos 40% da população. O simples controle da inflação, pelo Real, teria feito esse índice baixar para os 30% em seus dois governos. O presidente considera modesto o crescimento médio de 3,3% ao ano na era do Real. Mas acha isso melhor do que "ficar no ziguezague". Para ele, já é importante o fato de que o número relativo de muito pobres não tenha crescido no período.

A segunda crítica ao Cruzado, implícita, foi para professores e alunos da Escola Econômica de Varsóvia: "Um plano econômico não tem sucesso garantido só porque muda o nome da moeda ou a equipara ao dólar". Sobrou para a Argentina, fetiche eleitoral da temporada. FH respondia a um professor que perguntara por que o FMI deu tratamento diferente ao Brasil, na crise de 1999, e à Argentina agora.

Presidente faz críticas ao Cruzado de Sarney

Em resumo, FH disse que diferente não foi o tratamento, mas a atitude de cada país diante das mudanças na economia nos últimos anos. O Brasil controlou inflação, promoveu seu ajuste fiscal e deixou flutuar o câmbio, "não exatamente como gostaríamos", mas como foi possível, depois de atravessar as crises do México, da Ásia e da Rússia, disse o presidente. "A Argentina fez o contrário e sua situação hoje é desastrosa".

Faltando dez meses para descer a rampa do Planalto, Fernando Henrique tem um olho no futuro e outro no retrovisor. Os dois estavam alertas quando ele comparou o sucesso do Real ao fracasso do Cruzado. O sobrenome oculto na crítica é o do ex-presidente José Sarney, pai de Roseana, a candidata que o PFL plantou no caminho do senador José Serra, aspirante do PSDB à sucessão de FH. Não foi um ataque frontal, mas uma das muitas referências pinçadas das declarações do presidente em suas viagens ao exterior.

Nessas ocasiões, FH fala como um Fidel Castro. Catadupas de palavras, todas muito bem medidas. Ao ser indagado sobre a suposta exclusividade de Serra sobre o direito de herança na sucessão, disputado também pelo PFL de Roseana, respondeu: "Essa é uma questão em aberto. Pode ser que haja mais de um candidato que queira sair no mesmo caminho. Serei o último a dizer: não, não sigam. Se o caminho é o mesmo, que sigam. É o meu esforço. Por que não manter a aliança? Esta é a minha posição", disse FH.

Que posição? A de quem prefere José Serra, trabalha intensamente por ele nos bastidores, mas não pode explicitar a preferência, sob pena de inviabilizar a candidatura do ex-ministro tucano. O presidente sabe que Roseana e o PFL vão até o fim com a candidatura. Excluir a possibilidade de aceitar a governadora como candidata da continuidade, enquanto ela domina as pesquisas de intenção de votos, é queimar a chance de uma aliança futura. Aliança que, apesar dos revezes do petista Lula da Silva, ainda é necessária para a eleição de alguém, "do nosso lado", como disse FH a investidores suecos nessa viagem.

Nos próximos meses, até as convenções partidárias de junho, FH tentará o equilíbrio possível. Ele vai admitir Roseana como alternativa, mas são inescapáveis os sinais de sua preferência, como os que ele emitiu nesta segunda-feira em Varsóvia.